ISSN: 2358-8829

A CULTURA ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL COMO UM DIREITO DA CRIANÇA PARA VIVER AS INFÂNCIAS

Lilian Bárbara Cavalcanti Cardoso [1]
Janine Oliveira Cardeal Bomfim[2] [2]
Maysa Araujo Correia Souza [3]
Raquel Alves Sobrinho [4]
Simone da Costa Silva [5]
Aline da Silva Ferreira Aderne[6]

INTRODUÇÃO

Quando as crianças brincam
E eu as ouço brincar,
Qualquer coisa em minha alma
Começa a se alegrar.
E toda aquela infância
Que não tive me vem,
Numa onda de alegria
Que não foi de ninguém.
Se quem fui é enigma,
E quem serei visão,
Quem sou ao menos sinta
Isto no coração.
(Fernando Pessoa)

O poema de Fernando Pessoa nos revela um olhar sensível sobre as infâncias, destacando a pureza e a leveza do ser criança diante de um mundo inteiro a ser descoberto. Ao observar os pequenos brincando, Pessoa não se detém apenas na cena visual ou no

[1] Professora Doutora do Centro de Educação, lotada no Colégio de Aplicação Telma Vitória, da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, lilian.cardoso@cedu.ufal.br;
[2] Professora Doutora do Centro de Educação, lotada no Colégio de Aplicação Telma Vitória, da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, janine.cardeal@cedu.ufal.br;
[3] Professora Mestre do Centro de Educação, lotada no Colégio de Aplicação Telma Vitória, da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, maysa.souza@cedu.ufal.br;
[4] Professora Doutora do Centro de Educação, lotada no Colégio de Aplicação Telma Vitória da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, raquel.sobrinho@cedu.ufal.com.br;
[5] Professora Doutora do Centro de Educação, lotada no Colégio de Aplicação Telma Vitória da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, simonecostaufal@gmail.com.
[6] Professora Doutora do Centro de Educação, lotada no Colégio de Aplicação Telma Vitória da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, aline.ferreira@progep.ufal.br.

ISSN: 2358-8829

som das risadas: ele sente. A lembrança da infância “que não tive me vem [...]” convida à reflexão sobre os processos de adultização vivenciados por tantas pessoas que cresceram em um contexto no qual as crianças não tinham suas necessidades e especificidades respeitadas. Por muito tempo, ser criança significa ser um "infante" que quer dizer aquele que não tem voz. Segundo Ariès (1981), o olhar atento às infâncias é fruto da modernidade e do avanço científico, articulando-se inicialmente a discussões de caráter higienista e, mais tarde, à consolidação da Sociologia da Infância. Esta última fundamentou pesquisas cruciais sobre esse período, hoje reconhecido como uma das etapas mais determinantes do desenvolvimento humano.

Diante dessa reflexão, este artigo tem por objetivo discutir a importância do acesso à cultura escrita na Educação Infantil, analisando os pressupostos teóricos, os eixos didáticos e as práticas pedagógicas propostos por autoras de referência. A discussão fundamenta-se nas contribuições de Mônica Correia Batista (2010), Magda Soares (2021) e Ana Carolina Perrusi Brandão e Ester Calland de Sousa Rosa (2010), articulando concepções de infância, alfabetização e letramento que reconhecem a criança como sujeito ativo na construção de conhecimentos e na participação na cultura escrita.

Partimos da concepção de infâncias e criança de Sarmento (2011) um dos autores da Sociologia da Infância que alega que as crianças são como atores sociais de pleno direito e a infância como categoria geracional, buscando compreender suas vozes e ações, por isso, o correto é falar infâncias no plural para melhor assim abranger a complexidade desse conceito. A criança é um sujeito de constrói cultura, nesse sentido, é um ser ativo e cheio de saberes que precisam ser considerados na prática pedagógicas das instituições que atendem à Educação Infantil.

Seguindo essa lógica e pensando no tema deste artigo, o trabalho com a linguagem escrita na Educação Infantil permanece marcado por duas abordagens limitantes: a escolarizante e mecanicista, baseada em treinos, cópias e memorização, e a espontaneísta, que exclui a cultura escrita do cotidiano infantil. As quais precisam, avaliadas e refletidas, sobretudo para pensar nas políticas públicas e práticas concretas direcionadas à esta etapa da Educação Básica.

Diante disso, questiona-se como assegurar às crianças de zero a seis anos o acesso à cultura escrita com intencionalidade pedagógica, promovendo o letramento e a aprendizagem de princípios do sistema alfabético, sem desrespeitar o brincar, as interações e as especificidades da infância. A investigação justifica-se pela necessidade

ISSN: 2358-8829

de fundamentar a prática docente em referenciais que superem a falsa oposição entre brincar e aprender a linguagem escrita. Assim como desmistificar o discurso de que na educação Infantil não é para a criança ter acesso ao mundo das letras.

Diante do exposto, nas próximas seções, apresentaremos as contribuições das autoras para compreender a cultura escrita na Educação Infantil, refletindo sobre como ampliar as experiências das crianças com a leitura e a escrita, respeitando seus modos de aprender, brincar e interagir com o mundo.

METODOLOGIA

Realizou-se uma pesquisa qualitativa baseado no procedimento da revisão de literatura criativa de Alfonso Montuori (2005) em que a revisão de literatura não se reduz a uma sumarização passiva do estado da arte, mas constitui um processo de pesquisa criativa e construção ativa de conhecimento. Ao ser abordada como um diálogo contínuo com a comunidade científica, ela funciona como um mapa interpretativo do campo, permitindo ao pesquisador não apenas situar sua voz no discurso acadêmico, mas também examinar criticamente as premissas disciplinares, culturais e paradigmáticas que fundamentam a produção do saber.

Seguindo essa lógica, o *corpus* analítico constitui-se pelas publicações de referência na área, destacando-se a obra coletiva organizada por Ana Carolina Perrusi Brandão e Ester Calland de Sousa Rosa, Ler e escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas (2010), acompanhada dos trabalhos de Batista (2010), Soares (2021) e dos documentos normativos oficiais (Brasil, 2009; 2017).

O percurso metodológico aqui descrito, permitiu articular as contribuições das autoras aos documentos normativos, construindo uma compreensão crítica das possibilidades de trabalho com a cultura escrita na Educação Infantil. Nesse sentido, foi mais do que reunir conceitos e práticas, buscou-se estabelecer um diálogo entre os referenciais, considerando a intencionalidade pedagógica e o respeito às especificidades da infância, às brincadeiras e às interações.

ISSN: 2358-8829

REFERENCIAL TEÓRICO

Partimos do pressuposto que as crianças devem ser compreendidas como sujeitos ativos e produtores de cultura desde os primeiros anos de vida (Sarmento, 2011). O contato com a leitura e a escrita nessa fase não deve ser escolarizado ou rígido, mas sim estar integrado ao lúdico e às brincadeiras, que funcionam como eixos centrais para o desenvolvimento social e cognitivo. Para que isso aconteça é preciso que se enfatiza nas práticas pedagógicas da Educação Infantil a necessidade de respeitar as especificidades da infância, promovendo experiências significativas com a literatura infantil e garantindo ambientes adequados e estimulantes para a expansão do conhecimento.

A história da língua no Brasil esteve baseada, segundo Brandão e Leal (2010, p.15), a uma Pedagogia Tradicional de prontidão que / mantinha o pré-escolar "'assepticamente' isolado da língua escrita", ensinando as letras de maneira descontextualizada, apostando em exercícios perceptomotoris vazios. A partir da crítica ao modelo de prontidão, Brandão e Leal (2010) identificam a emergência de três caminhos nas salas de aula de Educação Infantil.

O primeiro caminho trilhado pela perspectiva Tradicional é quando a escola antecipa o Ensino Fundamental por meio da cobrança exaustiva de cópia de consoantes, vogais e "famílias silábicas" (ba-be-bi-bo-bu), reduzindo a alfabetização à memorização de associações som-grafia e à reprodução mecânica de tarefas repetitivas (Brandão; Leal, 2010, p. 16-17).

O segundo caminho seria o letramento sem letras “[...]surge como reação ao caminho anterior, caindo no extremo oposto ao "banir a linguagem escrita do trabalho com crianças pequenas" sob o pretexto de preservar a ludicidade [...] (Brandão; Leal, 2010, p. 18). As autoras criticam essa vertente por sustentar uma visão preconceituosa de que qualquer contato com a escrita seria necessariamente autoritário ou nocivo à infância, privando a criança do direito de aprender aquilo pelo qual manifesta curiosidade espontânea (Brandão; Leal, 2010).

E por fim, o terceiro caminho "Ler e escrever com significado na Educação Infantil que é a via defendida por Brandão e Leal (2010, p. 19-20), respaldada nos achados de Ferreiro e Teberosky e na perspectiva sociointeracionista. Nesse caminho, entende-se que a alfabetização é um processo de longa duração que não exige "aulas formais de alfabetização", mas demanda "múltiplas oportunidades para ver a professora ler e

escrever; para explorar semelhanças e diferenças entre textos escritos; para explorar o espaço gráfico e distinguir entre desenho e escrita" (Brandão; Leal, 2010).

O terceiro caminho dialoga com a concepção de alfabetização e letramento proposta por Magda Soares (2021) que diz que enquanto a alfabetização envolve a apropriação do sistema alfabético e das habilidades de codificação e decodificação, o letramento refere-se à participação nas práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita. Segundo a autora citada, embora sejam processos cognitivos e linguísticos distintos, que exigem intervenções pedagógicas específicas, são interdependentes e podem ocorrer simultaneamente.

As experiências de letramento começam ainda quando as crianças são bebês, nas vivências cotidianas de contato com o mundo letrado, sem que isso implique o ensino formal do sistema alfabético. Na Educação Infantil, essa articulação se concretiza em experiências significativas com a cultura escrita, como ouvir histórias, explorar livros e produzir textos com a mediação do professor, favorecendo descobertas sobre o funcionamento e os usos da escrita, respeitando o desenvolvimento das crianças, suas curiosidades, as brincadeiras e as interações.

Como apontam as autoras supracitadas no texto de apresentação da obra: "[...] iniciar as crianças, desde cedo, no mundo letrado, aponta para a meta de torná-las cada vez mais capazes de desenvolver sua autoria no campo da escrita, para que se tornem, de fato, 'seres letrais [...].'" (Brandão; Rosa, 2010, p. 12).

Assim, ao brincar com rimas, comparar palavras, reconhecer o próprio nome, explorar livros, realizar escritas espontâneas e produzir textos com o professor como escriba, as crianças constroem conhecimentos sobre o funcionamento da escrita e seus usos sociais. Não se trata de exigir o domínio da leitura e da escrita nessa etapa, mas de acolher suas hipóteses e favorecer descobertas. Em consonância com as DCNEI (2009) e com o campo de experiências “Escuta, fala, pensamento e imaginação” da BNCC (2017), esse trabalho deve preservar as brincadeiras, as interações e os diferentes ritmos de desenvolvimento.

ISSN: 2358-8829

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na Educação Infantil, é preciso ampliar as experiências que contribuem para a alfabetização, articulando o desenvolvimento da linguagem oral, a ampliação do vocabulário, a compreensão de histórias, a consciência fonológica e a exploração da escrita em situações significativas. Essa orientação dialoga com o conceito de letramento de Magda Soares (2021), compreendido como a participação nas práticas sociais de leitura e escrita, nas quais as crianças atribuem sentidos à linguagem escrita e se familiarizam com seus usos e funções no cotidiano.

Aprofundando os eixos práticos do letramento na infância, a roda de histórias é destacada por Brandão e Rosa (2010, p. 33-51) como atividade indispensável e diária na rotina pré-escolar. As autoras sustentam que ler em voz alta para as crianças não deve ser um ato mecânico, mas sim um momento de interação dialógica no qual a professora conduz uma conversa provocativa sobre a narrativa. Essa "boa conversa" estimula a criança a assumir a postura de um leitor que formula hipóteses, antecipa fatos e elabora inferências sobre as motivações e sentimentos dos personagens, promovendo o desenvolvimento da compreensão textual (Brandão; Rosa, 2010).

Paralelamente ao eixo da leitura, Fernanda Michelle Pereira Girão e Ana Carolina Perrusi Brandão (2010) abordam a produção de textos na Educação Infantil. As autoras demonstram que, mesmo antes de dominar a grafia convencional das palavras, a criança de 4 a 5 anos é perfeitamente capaz de produzir textos por meio do ditado à professora escriba. “Quando a professora atua como escriba — registrando no quadro ou em cartazes uma carta para um colega ausente, uma receita ou o desfecho de um conto inventado pelo grupo —, ela cria condições reais de produção textual” (Girão; Brandão, 2010, p. 117).

Além da participação em práticas de letramento, é importante favorecer, na Educação Infantil, o desenvolvimento da consciência fonológica, entendida como a capacidade de refletir sobre os segmentos sonoros da fala. Essa capacidade contribui para a apropriação do sistema de escrita alfabética, cuja compreensão envolve perceber relações entre letra e som. Isso não significa antecipar um ensino formal centrado na decodificação, mas proporcionar situações em que as crianças possam explorar a linguagem, formular hipóteses e descobrir semelhanças e diferenças entre as palavras. Nessa perspectiva, Brandão e Rosa (2010) sugere que é preciso pensar o trabalho com as

ISSN: 2358-8829

propriedades do sistema de escrita em articulação com experiências lúdicas e significativas.

Ao discutir esse processo, Morais e Silva (2010) permitem distinguir a reflexão consciente sobre os sons da fala de exercícios mecânicos de repetição de fonemas isolados. Segundo eles, a consciência fonológica envolve diferentes possibilidades de análise, como reconhecer rimas, identificar palavras que começam de maneira semelhante e perceber suas partes sonoras. Seu desenvolvimento, portanto, não se reduz ao treinamento fonêmico.

Na Educação Infantil, parlendas, trava-línguas, adivinhas e canções podem constituir oportunidades para essa reflexão, desde que a mediação docente convide as crianças a observar e comparar os sons, preservando o sentido e o prazer das brincadeiras com a linguagem. Assim, a intencionalidade pedagógica está tanto na escolha dos textos quanto nas perguntas e nos desafios propostos durante sua exploração.

Essa compreensão também orienta o trabalho com as letras. Albuquerque e Leite (2010) problematizam práticas que apresentam uma letra por semana, acompanhada de desenhos estereotipados e cópias repetitivas, pois reconhecer e reproduzir traçados não equivale a compreender o funcionamento da escrita. A exploração dos nomes das crianças, de rótulos e de embalagens permite observar as letras em contextos reconhecíveis, comparar sua presença em diferentes palavras e investigar suas formas e funções. O nome próprio, nesse percurso, articula identidade e conhecimento sobre a escrita, tornando-se uma referência para novas descobertas. Cabe ao professor acolher as hipóteses infantis e propor comparações que ampliem a reflexão, respeitando os diferentes percursos de aprendizagem.

A mesma preocupação aparece na discussão de Brandão e Carvalho (2010) sobre as atividades com lápis e papel. Mais do que aceitar ou rejeitar esse recurso, é necessário examinar sua finalidade e o lugar que ocupa na rotina: a atividade oferece um problema sobre o qual pensar ou exige apenas preencher, cobrir e copiar? Quando articuladas às brincadeiras, aos projetos e às experiências da turma, essas propostas podem integrar o trabalho pedagógico; quando repetitivas e descontextualizadas, restringem as possibilidades de participação e investigação das crianças.

Desse modo, o critério central para a escolha das estratégias é sua capacidade de aproximar as crianças da cultura escrita, integrando reflexão sobre a linguagem, produção de sentidos e respeito às especificidades da infância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso teórico e analítico desenvolvido neste artigo reafirma o acesso à cultura escrita como um direito da criança, que deve ser assegurado por práticas pedagógicas intencionais e sensíveis às especificidades da infância. As contribuições de Batista (2010), Soares (2004; 2016) e Brandão e Rosa (2010) apontam para a necessidade de superar tanto o ensino mecânico, centrado em cópias e memorização, quanto a ausência de oportunidades para explorar a leitura e a escrita.

Nessa perspectiva, cabe ao professor organizar experiências nas quais as crianças possam ouvir e discutir histórias, produzir textos com sua mediação, brincar com os sons das palavras e elaborar hipóteses sobre a escrita, compreendendo seus usos e funções sociais. A qualidade desse trabalho não se mede pela antecipação do domínio do sistema alfabético, mas pelas possibilidades de participação, reflexão e expressão que oferece.

Assim, aproximar as crianças da cultura escrita significa ampliar suas formas de compreender e comunicar o mundo, articulando aprendizagem, imaginação e autoria às brincadeiras e às interações, sem transformar a Educação Infantil em preparação restrita para o Ensino Fundamental.

Em síntese, formar "seres letrais" (BRANDÃO; ROSA, 2010, p. 12) na Educação Infantil significa assegurar a todas as crianças o direito de explorar o mundo letrado com curiosidade, afeto e alegria, sem antecipar escolarizações precoces e sem jamais privá-las do encanto de viver plenamente suas infâncias.

Palavras-chave: cultura escrita, educação infantil e infâncias

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEITE, Tânia Maria Rios. Explorando as letras na Educação Infantil. *In*: BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Sousa (org.). **Ler e escrever na Educação Infantil**: discutindo práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 93-115.

BAPTISTA, Mônica Correia. A linguagem escrita e o direito à educação na primeira infância. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – PERSPECTIVAS ATUAIS, 1., 2010, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: MEC/UFMG, 2010. p. 1-12.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; CARVALHO, Maria Jaqueline Paes de. As fichas de atividades de linguagem escrita na Educação Infantil. *In*: BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Sousa (org.). **Ler e escrever na Educação Infantil**: discutindo práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 139-163.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; LEAL, Telma Ferraz. Alfabetizar e letrar na Educação Infantil: o que isso significa? *In*: BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Sousa (org.). **Ler e escrever na Educação Infantil**: discutindo práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 13-31.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Sousa. Entrando na roda: as histórias na Educação Infantil. *In*: BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Sousa (org.). **Ler e escrever na Educação Infantil**: discutindo práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 33-51.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Sousa (org.). **Ler e escrever na Educação Infantil**: discutindo práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. 185 p. (Série Língua Portuguesa na Escola, v. 2).

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CEB nº 05, de 17 de dezembro de 2009**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC/CNE, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

GIRÃO, Fernanda Michelle Pereira; BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi. Ditando e escrevendo: a produção de textos na Educação Infantil. *In*: BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Sousa (org.). **Ler e escrever na Educação Infantil**: discutindo práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 117-137.

LEAL, Telma Ferraz; SILVA, Alexsandro da. Brincando, as crianças aprendem a falar e a pensar sobre a língua. *In*: BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Sousa (org.). **Ler e escrever na Educação Infantil**: discutindo práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 53-71.

MORAIS, Artur Gomes de; SILVA, Alexsandro da. Consciência fonológica na Educação Infantil: desenvolvimento de habilidades metalinguísticas e aprendizado da escrita alfabética. *In*: BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Sousa (org.). **Ler e escrever na Educação Infantil**: discutindo práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 73-91.

ROSA, Ester Calland de Sousa; BRANDÃO, Maria Solange. Projeto Mala de Leitura: aproximando a escola da família através da circulação de livros. *In*: BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Sousa (org.). **Ler e escrever na Educação Infantil**: discutindo práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 165-183.

ISSN: 2358-8829

SOARES, Magda. **Alfaletrar:** toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.